



Atualizações no diagnóstico do autismo no Brasil

**Julyane Fernandes Almeida, Alice Santos de Lima, Fernanda Pêgo Miranda Netto,
Layla Dutra Marinho Cabral.**

Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE. Faculdade de Medicina.

julyane.almeida@univale.br

Introdução: Transtorno do Espectro Autista (TEA), trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento infantil, caracterizado por prejuízos na comunicação, interação social e comportamental, podendo levar a sintomas, incluindo alteração de fala e linguagem, interesse restrito e comportamento repetitivo. Diante do crescimento do diagnóstico de tal neuropatologia, houve a necessidade de criação de novos métodos para suprir falhas em seu reconhecimento. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo relatar potenciais ferramentas para auxiliar no diagnóstico de TEA. **Material e métodos:** Revisão sistemática de artigos científicos por meio do método PRISMA, sem registro na plataforma PROSPERO devido ao perfil do trabalho. Foram realizadas buscas nas plataformas: Scielo, PubMed, utilizando os descritores: “autismo”, “diagnóstico”, “Brasil”. Os critérios de inclusão coerentes com o tema proposto, foram: publicação entre 2011 e 2021, língua portuguesa e espanhola. **Resultados e Discussão:** Foram identificados 52 artigos durante agosto de 2021. Com os critérios de inclusão, somente 8 artigos demonstraram compatibilidade com o tema. A literatura, ainda escassa, demonstra que a identificação dos sinais de alerta do autismo precocemente, é possível e crucial, levando a avaliações mais abrangentes de modo a confirmar o diagnóstico. No Brasil, os sistemas de classificação adotados pelo Ministério da Saúde para o TEA são o manual da CID e o Manual da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), bem como, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (DSM) é amplamente utilizado. Entretanto, devido à mudança na conceituação de autismo associada ao aumento da sua prevalência, fez-se necessário a investigação de novos métodos diagnósticos. Os biomarcadores, que ainda se encontram em estudo, buscam facilitar o processo do diagnóstico, identificando a presença de mecanismos biológicos que confirmem o transtorno, contudo ainda não existem marcadores biológicos comprovados para o diagnóstico do autismo. Além disso, o aconselhamento genético e testes moleculares fornecem informações adequadas, que podem influenciar nas decisões reprodutivas e, em alguns casos, até na conduta clínica. Acredita-se que a pesquisa genética do autismo certamente contribuirá para o desenvolvimento de diagnósticos mais precisos e possivelmente de tratamentos específicos de base genética, tornando a investigação da etiologia genética para crianças com TEA extremamente importante. Ademais, técnicas de imagem computadorizadas, como ressonância magnética e eletroencefalograma, procuram identificar alterações em áreas do cérebro. Outra possibilidade é a tecnologia de rastreamento ocular para avaliar a preferência por imagens geométricas dinâmicas em crianças com idade entre 14 e 42 meses, sugerindo um tempo de fixação maior nestas imagens em crianças com TEA. **Conclusão:** Os fatores genéticos e ambientais são determinantes para o autismo, dentro da ótica multifatorial, entretanto, o diagnóstico, hodiernamente, ocorre sobretudo pela avaliação comportamental e do histórico de desenvolvimento infantil, necessitando de mais estudos para que novas estratégias como as citadas no presente texto possam impactar na prática clínica.

Palavras-chave: autismo; diagnóstico; Brasil.